

**ASSOCIAÇÃO JUINENSE DE ENSINO SUPERIOR DO VALE DO JURUENA AJES
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA – ISE
ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA**

9,0

**A IMPORTÂNCIA DO CONHECIMENTO À PRÁTICA
INTERDISCIPLINAR NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL DA ESCOLA ESTADUAL MARECHAL RONDON EM
SANTA LUIZA D'OESTE/RO.**

Márcia Regina Coutinho Gonçalves

Orientador: Prof. Dr.Fabício Moraes de Almeida

ROLIM DE MOURA – RO/ 2007

**ASSOCIAÇÃO JUINENSE DE ENSINO SUPERIOR DO VALE DO JURUENA AJES
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA – ISE
ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA**

**A IMPORTÂNCIA DO CONHECIMENTO À PRÁTICA
INTERDISCIPLINAR NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL DA ESCOLA ESTADUAL MARECHAL RONDON EM
SANTA LUIZA D'OESTE/RO.**

Márcia Regina Coutinho Gonçalves

Orientador: Prof. Dr.Fabrcio Moraes de Almeida

Trabalho apresentado ao curso de pós-graduação da ASSOCIAÇÃO JUINENSE DE ENSINO SUPERIOR DO VALE DO JURUENA - AJES, como exigência parcial para a obtenção do título de Especialista em Psicopedagogia.

ROLIM DE MOURA - RO/2007

ASSOCIAÇÃO JUINENSE DE ENSINO SUPERIOR DO VALE DO JURUENA AJES
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA – ISE
ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA

TERMO DE APROVAÇÃO

Márcia Regina Coutinho Gonçalves

Prof. Dr. Fabrício Moraes de Almeida
Orientador

NOTA/CONCEITO

RESUMO

O tema escolhido para este trabalho surgiu do conhecimento prévio sobre a interdisciplinaridade e sua importância na construção do conhecimento, que trata o ensino interdisciplinar como um conceito de relações entre as disciplinas na prática educativa. Uma vez necessária e indispensável do ponto de vista construtivista, onde nenhuma fonte de conhecimento é em si mesmo, completa. A interdisciplinaridade surge como forma de diálogo entre as diversas disciplinas, surgindo assim novos desdobramentos na compreensão da realidade que nos cerca e sua representação. Ao que se percebe a maioria dos profissionais da educação não tem o conhecimento e esclarecimento do que vem a ser a interdisciplinaridade. Pois muitos conflitos surgem das discussões propostas sobre o tema e leva-os a acreditar que realmente trabalham a interdisciplinaridade quando na verdade acabam esbarrando na própria falta de conhecimento sobre o assunto e a confundem com perspectivas educacionais muito parecidas como a multidisciplinaridade ou a transdisciplinaridade. Percebe-se também que em alguns casos o tema não é discutido coletivamente, o que é essencial, e sem o acompanhamento da equipe gestora e assim nada de concreto é estabelecido. Esbarra no individualismo, comodismo e até mesmo egoísmo e o trabalho se tornam difícil. Diante de tal situação, mostra-se até que ponto as questões teóricas, que são fundamentais para a compreensão da perspectiva interdisciplinar, estão sendo discutidas na busca do aprofundamento no conhecimento sobre o tema para assim compreendê-lo e executá-lo a contento nas séries iniciais na Escola Marechal Rondon em Santa Luiza D'Oeste/RO. Através de estudo bibliográfico e também pela pesquisa de campo através de questionários aplicados aos profissionais da educação analisa-se como a interdisciplinaridade vem a ser entendida em sua essência, o modo como é tratada em sua ação pedagógica e a importância de se trabalhar de forma interdisciplinar. Pretende-se, dessa forma, compreender como vem se desenvolvendo o pensar e o agir de professores que estão atuando nestas séries. Até que ponto está inserido nesse processo e como a escola, enquanto gestora vem acompanhando esse processo e apoiando seu desenvolvimento.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade. Educação. Prática docente. Psicopedagogia.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos aqueles que me auxiliaram, minha família e meus amigos que tanto apoio para que completasse mais esse trabalho, apesar das dificuldades vivenciadas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por mais esta etapa concluída em minha vida, em especial a meus professores que foram de grande importância para o enriquecimento de meus saberes.

SUMÁRIO

CAPÍTULO I	
INTRODUÇÃO.....	08
CAPÍTULO II	
UM POUCO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO E O PROCESSOS INDISPENSÁVEIS PARA EDUCAÇÃO DE QUALIDADE.....	13
2.1 – A história da educação no Brasil.....	13
2.2 – Planejamento escolar participativo.....	15
2.3 – Currículo e planejamento.....	17
CAPÍTULO III	
A INTERDISCIPLINARIDADE COMO PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL, CULTURAL E INTELECTUAL.....	20
3.1 – O conceito de Interdisciplinaridade.....	20
3.2 – Compreendendo o termo interdisciplinaridade.....	22
3.3 – Resistências a adoção de um sistema interdisciplinar.....	23
3.4 – Interdisciplinaridade: questão de atitude.....	24
3.5 – Interdisciplinaridade e competência.....	26
3.6 – Visão interdisciplinar.....	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS.....	33
ANEXOS.....	35

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

A educação passa por momentos de grandes questionamentos, onde se evidencia a necessidade de mudanças em seus mais diversos âmbitos, principalmente na prática de ensino.

O contexto educacional vem sendo marcado por profundas mudanças de todas as ordens, a questão referente à formação interdisciplinar dos indivíduos vem se fazendo presente com muita força nesses espaços educativos. Ao indagar sobre o que é preciso para que a prática interdisciplinar ocorra, a resposta fica no âmbito da integração de equipe, uma boa relação professor-aluno, partir do discurso para a prática e também ousar, como diz FAZENDA (1999:29) *“O diálogo, a ousadia da busca e da pesquisa, é a transformação da insegurança num exercício do pensar, num construir”*.

Antes a formação era vista como algo individual e o conhecimento adquirido como algo fragmentado, como se o mesmo acontecesse em espaços fechados em si mesmo ou se a teoria pudesse ser construída separada em mundos particulares.

Dessa forma, percebeu-se que era necessária uma mudança neste sentido, era preciso ter mais respeito com cada disciplina, mas ao mesmo tempo integrá-las de forma que se tornassem instrumentos de cooperação para o avanço na aquisição do conhecimento. Houve momentos de crise, pois ao querer estabelecer essa integração acabou-se por discriminar algumas matérias. Era necessário compreender a necessidade de misturá-las de

modo que venham a acrescentar, dar uma visão geral da educação como prática na construção do conhecimento.

A ação pedagógica através da interdisciplinaridade aponta para uma escola participativa e decisiva na formação do sujeito. Assim escolas se esforçam para tornarem-se disciplinares através de projetos que contemplem esse papel. Porém, ao que se percebe que embora se tente agir insterdisciplinarmente, o fato é que continuam trabalhando transdisciplinarmente, ora multidisciplinarmente. O discurso sobre ações interdisciplinares está presente no espaço educativo, contudo, sua efetivação ainda é uma espera para educadores tão preocupados com uma educação crítica, necessidade do presente contexto em que está inserida.

O que se espera é que professores e gestores compreendam a interdisciplinaridade enquanto processo educativo. É necessário repensar a prática e os resultados obtidos através delas, como a aprendizagem acontece e o conhecimento é adquirido em sua totalidade. Trabalhar interdisciplinarmente não significa negar a importância de cada disciplina. A interdisciplinaridade na educação precisa respeitar o território de cada campo de conhecimento, saber quando uni-los ou separa-los. Assim algumas mudanças de postura se fazem necessárias nos espaços educativos para que a formação interdisciplinar aconteça.

É preciso que os educadores compreendam esse processo diante da necessidade de que os educandos se desenvolvam enquanto pessoas críticas e conscientes das mudanças que ocorrem ao seu redor.

Levando em consideração que o professor é um elemento de grande relevância neste processo de mudança é preciso que seja crítico-reflexivo e busque mudar os paradigmas educacionais, em busca de novos horizontes para viabilizar a formação de cidadãos conscientes.

Por ser um tema polêmico e necessário frente à era do conhecimento, requer que busquemos novas formas de atuar e formar os indivíduos para que possam assumir essa postura crítica, acreditando que o maior objeto da educação seja o da capacitação do educando, sendo necessário um trabalho interdisciplinar proveniente de um crescimento de debate entre docentes e discentes no sentido de perceberem-se interdisciplinar e agirem na busca de novos caminhos.

O trabalho inicialmente trata do conhecimento do que vários autores entendem por interdisciplinaridade e qual sua importância para o processo ensino/aprendizagem.

No capítulo II destaca-se um breve histórico sobre a educação no Brasil em determinadas épocas abordando alguns fatos mais relevantes para nossa sociedade e o os

caminhos para se chegar aos dias atuais, tomando conhecimento da forte fragmentação das disciplinas. Discorrer-se-á também sobre currículo e planejamento e a gestão participativa para uma educação de qualidade tratando este tema à luz de pensamentos de alguns autores bem como algumas considerações sobre planejamento participativo escolar e sua importância para a efetivação de projetos que venham favorecer a construção do saber.

No Capítulo III aborda-se o conceito da interdisciplinaridade e sua contribuição para o processo de ensino-aprendizagem. Deter-nos-emos mais na reflexão da importância da interdisciplinaridade bem como na análise da maneira como ela deve ser enfocada e também assumida em uma instituição escolar de forma coletiva e abrangente.

Este trabalho baseia-se especialmente em pesquisas bibliográficas tendo como referencial a teoria construtivista, o pensamento de Ivani Fazenda entre outros autores que enriquece o debate sobre a interdisciplinaridade, trabalhos estes que vem auxiliando e levando à reflexão sobre o tema cada vez mais pessoas.

Acrescentando ao trabalho desenvolvido pela leitura, realizaremos pesquisa através de questionários a professores da E.E.E.F. Marechal Rondon em Santa Luzia D'Oeste/RO. E trata acerca do que entendem e pensam sobre a interdisciplinaridade e sua prática e de perceber as ações metodológicas quanto à práxis da interdisciplinaridade desses educadores. Visando perceber com maior clareza a possibilidade de ampliação da prática interdisciplinar neste espaço educacional, já que entendemos esta como a mais viável para o sucesso do processo ensino-aprendizagem, buscando comprovar que para os professores esta também é assim vista e até praticada.

Desde a década de 70, a necessidade de desfragmentação ou descompartimentação do currículo escolar da educação básica está sendo considerada largamente na literatura especializada. Nos anos 80, programas de reformulação curricular, levados por vários estados e municípios brasileiros, tomaram como um dos princípios metodológicos fundamentais do ensino escolar a interdisciplinaridade. Mais recentemente, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 2001) acentuam tal aspecto, tanto nos seus fundamentos teórico metodológicos para todas as disciplinas, como, de maneira mais especial, ao sugerir os chamados “temas transversais” integradores e aglutinadores dos conteúdos a serem tratados nas diversas disciplinas do currículo.

O movimento da interdisciplinaridade surge na Europa, principalmente na França e Itália, em meados de 1960. Nesta época também estão surgindo reivindicações por parte de professores e alunos para a criação de um novo estatuto de universidade e de escola.

No Brasil, em meados da década de 1970, um dos primeiros autores a refletir sobre o termo interdisciplinaridade foi JAPIASSÚ (1970), em seu livro “Interdisciplinaridade e Patologia do Saber”.

De acordo com os PCNs (2001:40):

A interdisciplinaridade questiona a segmentação entre os diferentes campos de conhecimento produzido por uma abordagem que não leva em conta a inter-relação e a influência entre eles – questiona a visão compartimentada (disciplinar) da realidade sobre a qual a escola, tal como é conhecida, historicamente se constituiu. Refere-se, portanto, a uma relação de disciplinas.

E segundo FAZENDA (2004:132), “... *Interdisciplinaridade é uma nova postura frente à questão do conhecimento, é uma questão de abertura e não de fechamento, é uma questão de ousadia, de compromisso*”.

Assim, para se colocar junto a essa “nova postura”, o profissional irá associar um conjunto de ações, já que pelo entender da autora a interdisciplinaridade se faz no coletivo. Essas ações serão contempladas no Projeto Político Pedagógico Escolar.

De acordo com VEIGA (1995, p.38-50),

... Tem sentido a gestão escolar que, para viabilizar um Projeto Político-Pedagógico globalizador e interdisciplinar, deve prever formas democráticas de organização e funcionamento da escola, incluindo as relações de trabalho no seu interior. [...] “ao ser discutido, elaborado e assumido coletivamente, oferece garantia visível e sempre aperfeiçoável da qualidade esperada no processo educativo....

Segundo DERKOSKI (2006, p.8), “*A interdisciplinaridade não nasce dentro do professor do dia para a noite ou através de uma reunião, convite ou imposição. É uma desconstrução e reedificação por etapas. Mudanças que geram medo, ansiedade e insegurança*”.

E LÜCK (1994:64) acredita que:

Interdisciplinaridade é o processo que envolve a integração e engajamento de educadores num trabalho conjunto, de interação das disciplinas do currículo escolar entre si e com a realidade, de modo a superar a fragmentação do ensino, objetivando a formação integral dos alunos, a fim de que possam

exercer criticamente a cidadania, mediante uma visão global de mundo e serem capazes de enfrentar os problemas complexos, amplos e globais.

Conforme CAVALCANTE (2004, p.53) “... ao se trabalhar de forma interdisciplinar os professores encontrarão dificuldades...”, mas como já foi dito que é feito na coletividade, essa interação com outros professores trará vantagens, que estimulará a pesquisa, a curiosidade e a vontade de ir aos detalhes.

Os projetos interdisciplinares são meios para que os professores se reúnam ao redor de um tema envolvendo várias disciplinas que são colocadas a serviço da resolução de determinado problema. Para CAVALCANTE (2004:52): “*O caminho mais seguro para fazer a relação entre as disciplinas é se basear numa situação real*”.

E FAZENDA (1991:18) relata que “*O que caracteriza a atitude interdisciplinar é a ousadia da busca, da pesquisa, é a transformação da insegurança num exercício do pensar, num construir*”.

Portanto, o projeto interdisciplinar deve adotar um caráter de ação transformadora na construção do conhecimento.

CAPÍTULO II

UM POUCO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO E O PROCESSOS INDISPENSÁVEIS PARA EDUCAÇÃO DE QUALIDADE

A história é a interpretação da ação transformadora do homem no tempo. Podemos admitir que o homem é um ser histórico, já que suas ações e pensamentos mudam no tempo. O fenômeno educacional se desenrola nesse tempo e faz igualmente parte da história geral. A educação não é um fenômeno neutro, mas sofre os efeitos da ideologia, por estar de fato envolvida na política. Assim, veremos nesse capítulo um pouco da história da educação no Brasil num contexto político, religioso e social. Ao se falar em educação decorreremos sobre planejamento escolar participativo assumido como um processo democrático no desenvolvimento da aprendizagem na comunidade escolar, onde toda a ação deve estar em harmonia, alicerçada e coerente com a proposta pedagógica da instituição. E finalmente trataremos da importância do currículo e planejamento, a importância de se organizar bem um currículo em função da produção do saber.

2.1 – A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL

Na época da colonização do Brasil, a educação não é meta prioritária, já que não há necessidade de formação especial para o desempenho de funções na agricultura.

Numa época de absolutismo, a igreja, submetida ao poder real, é instrumento importante para a garantia da unidade política, já que uniformiza a fé e a consciência.

O ensino no sentido educacional no Brasil segundo LARROYO (1970), chega com os jesuítas que fundaram em Salvador uma escola para ensinar a ler e escrever e em seguida construíram varias outras escolas, mas somente depois da primeira metade do século XVIII, o governo começa a se preocupar com o ensino, que até então era de responsabilidade exclusiva dos jesuítas.

Já na fase jesuítica, segundo RIBEIRO (2003), com a criação do Governo Geral, uma nova política é ditada por D. João III, e encontrada uma diretriz referente a conversão do indígenas à fé católica pela catequese e instrução, percebendo por estes poucos fatos, que a organização escolar no Brasil – colônia está, vinculada à política colonizadora dos portugueses.

Num período de 210 anos, os jesuítas promovem uma ação maciça de catequese dos índios, educação dos filhos dos colonos, formação de novos sacerdotes e da elite intelectual, além do controle da fé e da moral dos habitantes da nova terra.

Com a expulsão dos jesuítas pelo Marques de Pombal a educação fica paralisada, vivendo tempos escuros até a conscientização dos governos após a Republica.

Com a vinda de D. João VI, o Brasil passa por modificações consideráveis. São alguns passos sugestivos em direção à independência, embora tenha ficado mais nítida e direta a dependência brasileira ao governo britânico.

No século XIX ainda não há propriamente o que poderia ser chamada de uma pedagogia brasileira. No entanto, alguns intelectuais, influenciados pelas idéias européias, tentam imprimir novos rumos à educação, ora apresentando projetos de leis, ora criando escolas. A tendência de importar idéias impondo-as à revelia da nossa realidade se manifesta também no movimento positivista, cujos representantes brasileiros exercem influência na proclamação da República bem como no ideário pedagógico.

Segundo RIBEIRO (2003), de modo geral no século XIX não há ainda uma política de educação sistemática e planejada. As mudanças tendem a resolver problemas imediatos, sem encará-los como um todo.

De acordo com PASSOS (1991) o período de 1930 a 1945 ficou marcado pela valorização da educação. A sociedade sofreu mudanças no processo socioeconômico e em 1932 acontece o manifesto da escola nova, a construção de uma nova pedagogia, a escola é vista na sociedade como instrumento de reconstrução social, já com uma base sólida no ministério de educação e saúde pública, criado no governo de Getúlio Vargas.

Entende-se que a valorização da educação acontece para atender as necessidades da classe dominante para o desenvolvimento da produção industrial, já que todas as mudanças visam educar as pessoas com base nos valores morais (católicos).

Segundo GADOTTI (1998) em 1948, o ministro Clemente Mariane enviou ao congresso um projeto de Lei de Diretrizes e Bases da educação nacional que só após várias alterações foi sancionada e vigorou até a constituição de 1988.

De acordo com SAVIANI (1993) a década de 70, ficou marcada pela influencia tecnicista a base de técnicas e habilitações de profissionais conforme a lei 5.692. Essa concepção não apresentou nenhuma proposta pedagógica. O autor tem razão já que a tendência tecnicista é acrítica, possui um modelo a seguir, e tudo se acomoda em torno deste modelo. Mas o tempo passa e acontece o movimento da educação pública popular, sustentado pelos partidos políticos na educação do povo em 1988. GADOTTI (1998).

Na década de 90 a educação brasileira foi enriquecida com diversidade cultural e as diferenças étnicas que a partir daí começaram a ganhar espaço, sendo defendido esse espaço pelas tendências: Liberal e tecnicista. É grande a valorização dos estudos pedagógicos.

No ano de 1996 é estabelecida a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, (LDB, 1996 apud SAVIANE, 2003), onde se fundamentam currículos e decisões didáticas trazendo preocupação com o interesse social, a formação da cidadania e a preservação da ordem democrática. Há também vínculo entre a valorização do magistério e a afirmação do valor da escolaridade. Traz o respeito da autonomia das propostas pedagógicas, não favorecendo o fracionamento da educação ou desagregação, mas a multiplicação de possibilidades oferecidas.

Para CASTRO (2001:196), “... com isso se pretendem garantir certa unidade orgânica, por meio do planejamento e da avaliação, sendo estas as duas pontas da unidade pretendida na prática pedagógica”.

2.2 – PLANEJAMENTO ESCOLAR PARTICIPATIVO

O trabalho docente é uma atividade consciente e sistemática, em cujo centro está a aprendizagem ou o estudo dos alunos sob a direção do professor. A complexidade deste trabalho não se restringe à sala de aula e está diretamente ligado a exigências sociais e à experiência de vida dos alunos.

O planejamento é um processo de racionalização, organização e coordenação da ação docente, articulando a atividade escolar e a problemática do contexto social. A escola os professores e os alunos são integrantes da dinâmica das relações sociais.

A ação de planejar é, primeiramente, uma atividade consciente de previsão das ações docentes, fundamentadas em opções político-pedagógicas, e tendo como referências permanentes as situações didáticas concretas a partir do trabalho coletivo.

Segundo DALMÁS (1994), o planejamento participativo é compreendido como processo de ação participativa grupal com “pessoas politicamente interagindo em função das necessidades, interesses e objetivos comuns”.

Para o autor, é necessário que o ser humano assuma seu papel dentro desta realidade comprometendo-se com decisões e ações capazes de causar transformações neste contexto e na sociedade em que vive. GANDIN (1994:29) também vê o planejamento dessa forma e vai além ao afirmar que:

Por isto, o planejamento participativo, enquanto instrumento e metodologia, isto é, enquanto processo técnico abre espaços especiais para a questão política. As questões de qualidade, da missão e, obviamente, da participação são especialmente valorizadas. Mais do que isto, assume um caráter de proposta do futuro para a instituição que se planeja, onde está contido um ideal do campo de ação da instituição. No que ele tem de modelo, além da metodologia participativa, este esquema alcançou integrar, na prática, o operacional e o estratégico, organizando-os num todo que se constitui no que Paulo Freire chama de processo de ação reflexão.

Recentemente tem crescido o interesse, pelas práticas escolares cotidianas. Não basta analisar a organização da escola. É preciso penetrar no seu dia-a-dia: os métodos de ensino, os materiais utilizados, a relação professor-aluno, os conteúdos ensinados e assim por diante.

Ao planejarem o processo de ensino, a escola e os professores devem, pois, ter clareza de como o trabalho docente pode prestar um efetivo serviço à população e saber que conteúdos respondem às exigências profissionais, políticas e culturais postas por uma sociedade que ainda não alcançou a democracia plena.

Segundo LOPES (2005:52), as pesquisas têm mostrado que a prática escolar é aquilo que menos sofre mudanças na história da educação.

Muito disso se deve ao planejamento que por vezes é feito individualmente ou por um pequeno grupo que trata o aspecto educacional de forma abstrata. Assim tem o planejamento participativo papel de maior relevância para que se alcancem as mudanças esperadas.

Para que os planos sejam efetivamente instrumentos para a ação, devem ser como um guia de orientação e devem apresentar ordem seqüencial, objetividade, coerência e flexibilidade.

Para PROPODOSKI (2002:45), O planejamento participativo é uma forma de trabalho comunitário que se caracteriza pela integração de todos os setores da atividade humana, numa ação globalizante, com vistas à solução de problemas comuns.

O planejamento não assegura, por si só, o andamento do processo de ensino. Mesmo porque a sua elaboração está em função da direção, organização e coordenação do ensino. É preciso, pois, que os planos estejam continuamente ligados à prática, de modo que sejam sempre revistos e refeitos.

Os PCNs (2001b) afirmam que, ao elaborar seu projeto educativo, a escola discute e explicita de forma clara os valores coletivos assumidos e que a contínua realização do projeto educativo possibilita o conhecimento das ações desenvolvidas pelos diferentes professores, sendo base de diálogo e reflexão para toda a equipe escolar.

Portanto, o planejamento escolar participativo é uma atividade que orienta a tomada de decisões da escola e dos professores em relação às situações docentes de ensino e aprendizagem, tendo em vista alcançar os melhores resultados possíveis.

2.3 – CURRÍCULO E PLANEJAMENTO

Nas primeiras definições de currículo, muitos autores constataam que correspondem a um plano de estudos, ou a um programa, muito estruturado e organizado na base de objetivos, conteúdos e atividades, e de acordo com a natureza das disciplinas.

Segundo GOODSON (1995), o currículo como fato, responde pela priorização do estabelecimento intelectual e político do passado. Já o currículo como prático “dá precedência à ação contemporânea e faz concessões à ação contraditória, anômala ou transcendente”.

Conforme COSTA (1999:51), a perspectiva crítica de ensino e currículo concebe a produção do conhecimento como ato de criar e recriar coletivo. O currículo escolar é um lugar de circulação das narrativas, mas, sobretudo, um lugar privilegiado dos processos de subjetivação, da socialização dirigida, controlada.

Currículo assim é como um todo organizado em função de questões previamente planejadas, do contexto em que ocorre e dos saberes, atitudes, valores, crenças que os educandos trazem consigo, com a valorização das experiências e dos processos de aprendizagem.

As questões sobre currículo estão no centro das discussões atuais sobre a educação escolar. No Brasil a teoria curricular crítica pode ser situada no final da década de 70. Conforme MOREIRA (1993) é nesse momento que explode, em todo o país, uma literatura pedagógica de cunho mais progressista.

SAVIANE (2003) afirma que à idéia de currículo soma-se a de ordenação, que implica “metodização” com o intuito de formalização. Portanto, o ensino passaria a seguir um plano rígido, compreendendo as áreas de estudo a que se dedicaria cada professor.

A LDB (1996 apud SAVIANE, 2003), em seu capítulo II, artigo 26 afirma que:

Os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela.

Dessa forma, percebe-se a importância da articulação de disciplinas em relação à realidade do educando, dando condições para o exercício pleno da cidadania e aquisição do saber, priorizando a autonomia que cada estabelecimento tem para planejar de acordo com a realidade em que se encontram.

É importante frisar nesse sentido, que essa autonomia implica em planejamento conjunto e integrado da escola, como compromisso entre os agentes envolvidos nesse objetivo. Cooperação, diálogo, reflexão e uso racional do tempo são elementos indispensáveis à organização de um trabalho pedagógico conseqüente.

O currículo é um propósito que não é neutro em termos de informação, já que esta deriva de diferentes níveis e é veiculada por diversos agentes curriculares dentro do contexto de vários condicionalismos. Assim, o currículo corresponde a um conjunto de intenções. E estas intenções variam de sociedade para sociedade, tendo sempre por base uma matriz.

Ao elaborar seu currículo a escola busca a construção do conhecimento, pois a partir dele o planejamento será feito em consonância a uma prática que contribui para o pleno desenvolvimento do ser humano. Assim, os conteúdos que fazem parte desse planejamento visam reafirmar a importância do papel da escola no processo de construção do conhecimento.

Ao enfatizar essa produção de conhecimento, é essencial uma discussão coletiva pela participação ampla de todos os grupos e setores interessados nesse processo. Tornar a escola democrática abre caminho para esforços no sentido de não transformar a produção do conhecimento em mera transmissão destes. Como já dissemos anteriormente, é imprescindível um currículo que abra espaço, que respeite a cultura do aluno, que a sala de aula seja lugar de confronto de diferentes saberes.

Outro fator que deve ser levado em consideração e que vem fundamentar nosso trabalho é no diz respeito às disciplinas, sua seleção e organização. Faz-se necessário que no planejamento sejam rediscutidas as formas de serem trabalhadas. Basear o currículo em disciplinas tradicionais não garante a formação de cidadãos ativos, participantes e responsáveis. Trata-se de pensar como tornar as disciplinas num trabalho unificado, tirá-las do isolamento, pois ao trabalhá-las assim, muitas vezes não podemos ter uma visão global do ensinamento em questão.

O currículo não é, no entanto, um conceito; é uma construção cultural, é um modo de organizar um conjunto de práticas educacionais humanas. Apesar das diferentes perspectivas e dos diversos dualismos, defini-se como um projeto, cujo processo de construção e desenvolvimento é interativo, que implica unidade, continuidade e interdependência entre o que se decide ao ensino aprendizagem. É acima de tudo uma prática pedagógica que resulta da interação e confluência de várias estruturas, na base das quais existem interesses concretos e responsabilidades compartilhadas.

CAPÍTULO III

A INTERDISCIPLINARIDADE COMO PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL, CULTURAL E INTELECTUAL

Em um primeiro momento a interdisciplinaridade é entendida como que uma abolição das disciplinas, quando na verdade é uma integração das mesmas na busca constante de um repensar a prática educativa enquanto saberes fragmentada para uma discussão abrangente e compartilhada. É necessário compreender para efetivá-la e é isso que tentaremos mostrar neste capítulo: a compreensão do termo interdisciplinaridade, sua importância e os quesitos básicos para que a prática seja competente, geradora de novos conhecimentos.

3.1 – O CONCEITO DE INTERDISCIPLINARIDADE

A interdisciplinaridade pode ser entendida como uma condição fundamental do ensino e da pesquisa na sociedade contemporânea. No entanto, o conceito de interdisciplinaridade tem sofrido usos excessivos que podem gerar sua banalização. Assim pode ser definida como um ponto de cruzamento entre atividades disciplinares e interdisciplinares, com lógicas diferentes.

Como teoria do conhecimento, ela surgiu no final do século passado, pela necessidade de dar uma resposta à fragmentação causada por uma epistemologia de cunho positivista. As ciências haviam-se dividido em muitas disciplinas e a interdisciplinaridade restabelecia, pelo menos, um diálogo entre elas, embora não resgatasse ainda a unidade e a totalidade do saber.

Esquecida em décadas passadas, a interdisciplinaridade volta como palavra de ordem das propostas educacionais dos anos 90. Percebe-se, entretanto, que ela é muito pronunciada, mas os educadores em sua maioria não sabem o que fazer com ela, por não compreenderem seu sentido dentro de uma perspectiva educacional. Assim, muitos estudiosos vêm tentando defini-la e explicá-la de modo compreensivo para que perceba sua importância como instrumento na construção e ampliação de conhecimentos.

De acordo com os PCNs (2001a):

A interdisciplinaridade questiona a segmentação entre os diferentes campos de conhecimento produzido por uma abordagem que não leva em conta a inter-relação e a influência entre eles – questiona a visão compartimentada (disciplinar) da realidade sobre a qual a escola, tal como é conhecida, historicamente se constituiu. Refere-se, portanto, a uma relação de disciplinas.

Segundo FAZENDA (2004), “... Interdisciplinaridade é uma nova postura frente à questão do conhecimento, é uma questão de abertura e não de fechamento, é uma questão de ousadia, de compromisso”. E ainda diz que:

Na interdisciplinaridade o conhecimento é, ao mesmo tempo, um fenômeno multidimensional e inacabado, sendo impossível sua completude e abrangência total, uma vez que, a cada etapa da visão globalizadora, novas questões e novos desdobramentos surgem. Tal conhecimento nos coloca, portanto, diante do fato de que a interdisciplinaridade se constitui em um processo contínuo e interminável de elaboração do conhecimento. (FAZENDA, 1999).

Compreende-se, dessa forma, que a interdisciplinaridade deve ser vista num enfoque amplo à medida que vai se implantando, vai modificando a capacidade dos indivíduos construir seu conhecimento, pois este é um processo constante. Não basta querer a mudança é necessário embrenhar-se nesse contexto, já que a cada nova descoberta tantas outras se fazem necessárias para o bom desempenho do processo em si. Cabe aos educadores firmarem-se cada vez mais no propósito de que novas perspectivas devem ser

abordadas com comprometimento de toda a escola abrindo espaço para o novo que chegasse nesse caso o trabalho interdisciplinar.

3.2 – COMPREENDENDO O TERMO INTERDISCIPLINARIDADE

A interdisciplinaridade entendida como uma forma de tratar o ensino como um conceito de relações entre as disciplinas, por vezes é focalizado numa visão distorcida de seu sentido verdadeiro. Instituições querem colocá-la em prática e acabam esbarrando na falta de conhecimento necessário ao entendimento.

Equívocos quanto à sua definição, que, ao ser interpretado por muitos autores, multidisciplinaridade, pluridisciplinaridade, transdisciplinaridade, corre o risco de perder sua característica maior que é a concepção única do conhecimento.

Segundo Piaget, as relações entre as disciplinas possa se dar em três níveis: multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade. Na multidisciplinaridade, recorremos a informações de várias matérias para estudar um determinado elemento, sem a preocupação de interligar as disciplinas entre si. Neste caso, cada matéria contribuiu com informações pertinentes ao seu campo de conhecimento, sem que houvesse uma real integração entre elas.

Essa forma de relacionamento entre as disciplinas é a menos eficaz para a transferência de conhecimentos para os alunos. O ensino baseado na interdisciplinaridade proporciona uma aprendizagem muito mais estruturada e rica, pois os conceitos estão organizados em torno de unidades mais globais, de estruturas conceituais e metodológicas compartilhadas por várias disciplinas.

Na transdisciplinaridade, a cooperação entre as várias matérias é tanta, que não dá mais para separá-las: acaba surgindo uma nova "macrodisciplina". Um exemplo de transdisciplinaridade são as grandes teorias explicativas do funcionamento das sociedades. Esse é o estágio de cooperação entre as disciplinas mais difícil de ser aplicado na escola, pois há sempre a possibilidade de uma disciplina "imperialista" sobrepor-se às outras. GIRARDELLI (1999:64).

A pluridisciplinaridade difere-se da multidisciplinaridade porque, a segunda se caracteriza por uma superposição de disciplinas que não estabelecem relação aparente, e a

primeira consiste na superposição de disciplinas cujo objeto é correlato, em outras palavras, sugere a possibilidade da ocorrência de relação entre elas.

A pluridisciplinaridade é considerada pouco eficaz para a transferência de conhecimentos, já que parte da noção de que cada matéria contribuiu com informações próprias do seu campo de conhecimento, sem considerar que existe uma integração entre elas.

Na construção do conhecimento a integração das muitas ciências não garante a sua perfeita execução. A interdisciplinaridade surge, assim, como potencialidade de enriquecer e ultrapassar a integração dos elementos do conhecimento. No entanto para que o aluno esteja preparado para enfrentar a vida num processo dialético, considerando simultaneamente a teoria e a prática, é bom se sentir, se encontrar, poder ser, para poder então “fazer”. Segundo Fazenda (1979, p. 108) assim é o ato de ser interdisciplinar “Interdisciplinaridade não se ensina, não se aprende, apenas vive-se, exerce-se e por isso exige uma nova pedagogia, a da comunicação”.

3.3 – RESISTÊNCIAS À ADOÇÃO DE UM SISTEMA INTERDISCIPLINAR

A idéia de superação da fragmentação do ensino não é nova. A concepção do currículo, proposta no final do século passado, já indicava uma preocupação com a fragmentação e procurava oferecer o instrumental conceitual necessário ao estabelecimento da unidade de ensino. O método de projetos também foi muito popular em certa época. Aspectos esses que iniciam este estágio do processo de desfragmentação das disciplinas.

Verifica-se, no entanto que apenas agora ela surge com a força da sustentação de uma fundamentação que corresponde ao atendimento de necessidade percebida pelos profissionais da educação em geral. Percebe-se que é uma concepção que veio evoluindo gradativamente, por meio do amadurecimento pedagógico. Ela não vem substituir outras formas de ação, como geralmente vem ocorrendo, quando novas idéias se apresentam, mas para superar as anteriores. E é nesse sentido que a interdisciplinaridade ganha corpo e vitalidade, como superação dos problemas de fragmentação do ensino.

Sabe-se que toda inovação gera resistência, sobretudo quando deixa de levar em consideração a cultura dos grupos onde é implantada. A interdisciplinaridade não deve ser considerada, no entanto, como uma inovação em seu sentido pleno, uma idéia nova, mesmo porque os professores vêm ouvindo falar dela há muito tempo. Ela vem cristalizar a

preocupação e o interesse pela superação de um problema que é a desfragmentação no sentido disciplinar.

O estabelecimento de um trabalho de sentido interdisciplinar provoca como toda ação a que não está habituado, uma sobrecarga de trabalho, certo medo de errar, de perder privilégios e direitos estabelecidos. É básico que aceitemos a condição da associação de trabalho à produção de resultados. A interdisciplinaridade corresponde à construção da necessária e urgente humanização pela visão globalizadora, daí o porquê de sua importância.

Assim, um enfoque interdisciplinar, no contexto da educação, manifesta-se como contribuição imprescindível para a reflexão e o encaminhamento de solução às dificuldades relacionadas ao ensino, o respeito à maneira como o conhecimento é tratado em ambas as funções do processo educacional.

O caminho interdisciplinar é amplo no seu contexto e nos revela um quadro que precisa ser redefinido e ampliado. Assim, traz-se a reflexão sobre a necessidade de professores e alunos trabalharem unidos. O papel do professor é fundamental no avanço construtivo do aluno. A interdisciplinaridade do professor pode envolver e modificar o aluno.

3.4 – INTERDISCIPLINARIDADE: QUESTÃO DE ATITUDE

Descobrir-se interdisciplinar é uma experiência gratificante. Há muita confusão com relação ao conceito de interdisciplinaridade. É difícil pensar em interdisciplinaridade, quando fomos acostumados por muitos anos a pensar a educação compartimentalizada, produto da escola tecnicista. Entre os profissionais quando se coloca o sentido interdisciplinar, há divergências e fragmentações claras. Mas não pode se perder o compromisso e interesse pela educação que é a base profissional, a busca da mudança de atitude. É bom se lembrar de que na escola tecnicista, era privilegiada a eficiência e técnicas voltadas à preparação dos estudantes para o vestibular.

Os alunos que detinham maior capacidade de armazenar na memória os conteúdos específicos da área que pretendiam cursar na universidade tinham mais chance de classificação no vestibular, daí a exigência de professores competentes, principalmente em nível de 2º grau. A competência docente era expressa pela eficiência em transmitir quantidade de conhecimento, por meio da sistematização e da exigência de produção, muitas vezes mecânica, dos alunos.

Muito raramente as falhas pedagógicas dos professores eram argumento para explicar o insucesso e a repetência. Com o passar dos anos e vivência da prática, os educadores em sua maioria foram compreendendo que o importante não era só a transmissão do conhecimento sistematizado, de conteúdo específico, mas despertar uma nova forma de relação com a experiência vivida.

As questões didático-pedagógicas da sala de aula sempre se apresentaram como desafio permanente à prática de ensino e requer até o momento constantes adaptações e articulações entre o vivido e o aprendido, a pesquisa e a descoberta, o saber, o fazer e o ser, no cotidiano escolar. Esse desafio faz parte da vida de muitos profissionais.

Segundo FREIRE (1996): “... é na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando sobre a prática de hoje e de ontem que se pode melhorar a próxima prática”.

A implantação de projetos é uma das formas de se pensar a prática de maneira a levar o aluno a interagir com o conhecimento adquirido ou por adquirir. Num projeto o entrosamento dos alunos, assim como o entrosamento de funcionários e de toda a escola e comunidade, tendo como compensação a satisfação dos alunos nessa prática, provando o construir do conhecimento, surte efeitos sensibilizantes.

Conforme PROPODOSKI (2002): “O conhecimento adquirido por meio de conteúdos específicos das diferentes disciplinas na escola deve perpassar o ter de aprender, o saber sistematizado, fragmentado, isolado, do todo, da vida”.

Diante dessa afirmação concluímos que o conhecimento adquirido pelo homem deve trazer-lhe satisfação de apropriar-se de mais saber, para poder se entender, entender o outro, entender o mundo. O conteúdo específico de uma disciplina na escola não tem sentido se ele tenta se apropriar do todo, resgatando daí o específico.

Em face às necessárias mudanças de pensamento sobre a prática docente, é preciso ter coragem de mudar, de romper com o formal, com o objetivismo, de transformar o ato pedagógico num ato de conhecimento da vida, para que o aluno saiba enfrentar a vida num processo dialético entre teoria e prática.

Nesse momento está aí o ato de ser interdisciplinar. “Interdisciplinaridade não se ensina não se aprende, apenas vive-se, exerce-se e por isso exige uma nova pedagogia, a da comunicação”. FAZENDA (1979). Notamos aí que, o homem tem sua satisfação em se sentir ele mesmo, se identificar com a vida, com a natureza, com suas origens e poder se expressar.

Experiências dessa natureza são gratificantes. Os obstáculos, no entanto, são muitos. Educadores conscientes de mudança acabam por incomodar muita gente, começando

pela direção, se esta visa pela “disciplina” em seu sentido mais penalizador. Até mesmo muitos educadores preferem se acomodar que arriscar em transformações. O novo incomoda, desestabiliza estruturas.

É essa ousadia de inovar, de buscar novos caminhos, que impulsiona à busca do interdisciplinar nas aulas de professores comprometidos com a prática para a formação de cidadãos conscientes de seu papel e não meros “bonecos” nas mãos de um sistema de ensino que não permite ao homem ser ele mesmo.

É preciso que as aulas sejam permeadas pela inserção permanente de vivências práticas à teoria aprendida. Teorias muitas vezes questionadas pelos alunos, o que é ótimo. Não pode um professor esperar que os alunos simplesmente reproduzam um conteúdo pronto e acabado, mas esperar que eles construam o seu caminho e percebam que, antes mesmo de saber fazer, é preciso ser, para saber o por que fazer.

O Professor é o profissional da reconstrução do conhecimento tendo como prática educativa a pesquisa. O professor já não é mais o indivíduo habilitado apenas em dar aulas, pois ministrar aulas não representa fundamental para a aprendizagem. O educador atualizado é aquele que não só executa com competência sua profissão, mas que corre em busca de renovação. Nós educadores sabemos que os nossos conhecimentos são enriquecidos, partindo do que já conhecemos.

A tarefa fundamental é, portanto socializar conhecimento, disseminando informações e culturas, não só transmitindo, mas reconstruindo. A aprendizagem é sempre acontecimento de reconstrução social e política, e não é só reprodutivista, pois temos o compromisso de fazer o aluno aprender através do conhecimento e da prática, assim como nas interações e trocas de experiências no dia a dia.

PROPODOSKI (2002) relata que: “Há necessidade de o professor apropriar-se do conhecimento científico, de saber organizá-lo e articulá-lo, de ter competência”.

Vale lembrar que essa competência, para o verdadeiro educador, dever estar alicerçada na humildade, simplicidade de atitudes. É necessário enxergar o outro, construir com ele o alicerce do conhecimento, não só para servir a sociedade, mas para enaltecer a vida.

3.5 – INTERDISCIPLINARIDADE E COMPETÊNCIA

A interdisciplinaridade vem sendo estudada, apontada como solução, aparece citada em propostas curriculares e outras mais, mas tem sido deturpada e mal compreendida. Análises, reflexões e debates sobre a questão da competência vêm sendo também realizados. São estudos que objetivam explicitar como a competência se constrói. É necessário que o educador seja competente para atuar numa sala de aula. Isto é,

Sua prática, no contexto da sala de aula, implica na vivência do espírito de parceria, de integração entre teoria e prática, conteúdo e realidade, objetividade e subjetividade, ensino e avaliação, meios e fins, tempo e espaço, professor e aluno, reflexão e ação, dentre muitos dos múltiplos fatores interagentes do processo pedagógico. LUCK (1994).

Deve-se partir do pressuposto de que o educador deve adquirir não só um saber sistematizado, mas vir a criar sua própria metodologia. Em termos gerais, o compromisso com o trabalho pedagógico se faz pela consciência histórica de como ele se constrói na vida de um profissional competente. Há sempre a tentativa de superar barreiras sociais para ser um sujeito na ação e ensinar, ser agente de transformação na construção do conhecimento de seu educando. É uma conquista que se realiza dia a dia e fortalece num educador comprometido.

A garantia dessa construção reside na competência do educador em descobrir, sistematizar e transmitir determinado conteúdo, o que passa, necessariamente, pela compreensão histórico-social da vida do educando e pela apreensão do conhecimento integrado das diferentes disciplinas. PROPOSDOSKI (2002).

No campo da educação, uma forma de se fugir à fragmentação do ensino é a de se pesquisar a realidade em todas as suas possibilidades e interconexões. Esta nova postura pressupõe um educador comprometido, com visão globalizante da problemática educacional e uma intenção clara e objetiva do que se pretende desenvolver. Trabalhar a integração do saber representa a possibilidade e a diretriz da recuperação da totalidade do ato de conhecer, totalidade esta que se apresenta como oposição à multiplicidade das linguagens específicas entre as disciplinas que fazem parte do currículo.

Segundo LUCK (1994) é necessário que os educadores trabalhem de forma interdisciplinar num processo que leva em consideração a cultura vigente e sua transformação, dando importância a esses princípios, como orientadores de sua prática, é necessário dar

atenção ao estágio em que os professores se encontram em relação ao processo interdisciplinar, motivando-os a expressarem e discutirem juntos os problemas principais. Ao se referir aos problemas afirma que estes:

Necessariamente, serão indicados pelos professores relacionados à fragmentação e dissociação, pois eles estão subjacentes a todo processo social e se acham manifestados em todas as dimensões do conjunto cultural humano. Em consequência, irão mostrar a necessidade de busca de diálogo e de integração, sem, no entanto, nesse estágio preliminar, terem os professores alterados sua relação ao conhecimento. E é sobre essa limitação que deve ser estabelecida a base da transformação pedagógica. LUCK (1994: 34).

Assim, enquanto prática pedagógica, agir de forma interdisciplinar é construir coletivamente o saber, ao buscar juntos, o novo, o risco, a descoberta, o diálogo, a troca, o conhecer, deixando que cada um assuma a construção de sua prática dentro de seus próprios limites. É preciso que o educador sinta a necessidade de um engajamento numa tarefa de comprometimento e mudança, tanto dele quanto daqueles que o rodeiam, consciente de seu papel e do dos outros.

3.6 – VISÃO INTERDISCIPLINAR

Aplicamos questionários às dez professoras que lecionam de 1ª a 5ª série na Escola Estadual de Ensino Fundamental Marechal Rondon e m Santa Luzia D'Oeste/RO, pois neste Estabelecimento já está vigorando o ensino fundamental de nove anos. São professoras que variam no tempo de prática docente, de três a vinte e três anos.

Elas destacam em seus relatos que nesses anos de trabalho docente vivenciaram mudanças significativas na educação em relação ao ensino-aprendizagem, como a maior preocupação com o respeito a individualidade de cada educando em relação ao conhecimento prévio já trazido por ele ao chegar a escola, a importância de trabalhar com esse educando individualmente pois cada um tem seu tempo de aprender e sua maneira. Enfatizam que o educador tem um pouco mais de segurança para trabalhar os conteúdos sendo que algumas reclamam que o sistema apesar de seu discurso interdisciplinar ainda cobra resultados em língua portuguesa e matemática com conceitos pré-estabelecidos e sentem-se podadas em sua prática em determinadas ocasiões, não sendo isso uma constante.

Dizem também que a formação continuada que fazem através de cursos auxiliam bastante em suas práticas. Ao planejarem suas aulas buscam sempre integrar as disciplinas levando o conhecimento como um todo, onde os conteúdos não podem ser trabalhados separadamente.

Percebe-se que a maioria trabalha quase que constantemente através de pequenos projetos, sendo estes individuais, elas conversam e trocam idéias entre si, mas não chegam a ter uma junção de séries na efetivação do projeto. Vêem grande importância nesse trabalho, pois através deles, segundo elas, o conhecimento se dá de forma ampla, pois ao participarem mais das aulas como projeto acaba por ter mais interesse ao envolverem-se nos trabalhos diretamente, fortalecendo assim o vínculo deles com a escola de forma global.

Para elas a escola em que trabalham, de forma geral procura dar ênfase a um trabalho através de projetos, já que é um estabelecimento de ensino fundamental, mas são poucos e em datas específicas, os chamados grandes projetos, são dinâmicos e produzem bons resultados, são elaborados em conjunto, professores, coordenadoras pedagógicas e gestores, não sendo, porém contínuos. Acabam quando termina a semana geralmente com uma grande apresentação de resultados envolvendo toda classe escolar, famílias dos educandos e sociedade geral.

Quanto ao acompanhamento pedagógico em suas atividades rotineiras, elas esclarecem que é de grande importância, pois auxilia sua prática docente, mas infelizmente o estabelecimento não dispõe de orientação pedagógica e a coordenação pouco ajuda por serem atribuídas a elas trabalhos burocráticos, não sobrando muito tempo para o auxílio aos educadores. Assim fazem quase que um trabalho solitário, orientando-se entre elas mesmas através de conversas diárias.

Segundo as professoras, um fator que dificulta o trabalho com projetos em sala é a falta de recursos financeiros, pois alguns materiais geram custos e esse apoio falta na maioria das vezes. Sobre a interdisciplinaridade como prática educativa, elas demonstram seu conhecimento no sentido de ser esta uma junção de conteúdos em várias disciplinas, respeitando a diferença de matéria para matéria, através dessa junção o educando pode ampliar seu conhecimento, pois vai perceber que em todas as disciplinas existe uma maneira de explorar determinado conteúdo, seja numa atividade ou projeto.

Outro ponto importante é que elas percebem a interdisciplinaridade ao elaborarem um projeto, já que é discutido coletivamente e tem-se a preocupação de como explorar determinado tema nos conteúdos das várias disciplinas. Salientam, porém, que percebem mais claramente essa efetivação nas séries iniciais, já nas séries finais, a maioria dos

professores depois do projeto elaborado, planeja suas atividades em separado dos demais, sem contato com os colegas, se isolam e por vezes percebe-se que não põem em prática quando estão em sala de aula.

Ao falarem sobre os benefícios à prática, enumeram especialmente a integração do aluno, dando significado a seu aprendizado dá-se a construção do conhecimento de forma global e não fragmentada, feita através da coletividade. Enfatizam também que através dos projetos interdisciplinares, o processo é continuado, atribui valor ao conhecimento adquirido anteriormente pelo educando, passando a tratar a aprendizagem como um todo, considerando também de fundamental importância que o planejamento passa a ser flexível a mudanças buscando a integração do aluno além do que é ensinado na escola, levando-o a tornar-se crítico e reflexivo, dono de sua opinião.

Concluem-se a partir daí, que essas professoras procuram trabalhar interdisciplinarmente mesmo com todos os obstáculos e o muito que falta de conhecimento até mesmo pela família que é a base e na grande maioria não estimulam seus filhos fora da escola a dar continuidade a esse processo. Existem muitas dificuldades tanto em apoio humano pedagógico como também recursos materiais.

Na visão delas a interdisciplinaridade ainda não abrange todos os componentes da escola, falta envolvimento dos pais e da comunidade não só nos dias de realização de projetos, mas além desse trabalho. Na teoria fala-se muito nessas mudanças, mas na prática o sistema educacional ainda não está preparado pra isso.

É necessário mudança de visão por parte de muitos profissionais da educação, educadores que resistem a essas mudanças adotando modelos ultrapassados desfazendo por vezes o trabalho de um educador dedicado a fazer a diferença. Até mesmo os gestores acabam também por exigir métodos que contradizem com seus discursos.

Por fim o que segundo elas se percebe é que a interdisciplinaridade na Escola Marechal Rondon está presente com mais notoriedade nas séries iniciais, mas com ressalvas, há empenho da maioria para um trabalho coletivo entre elas apesar da falta de orientação e apoio pedagógico em sua prática. Também nas séries finais, tem educadores que estão se esforçando nesse sentido, demonstrando algumas mudanças em seu trabalho. Para elas, o trabalho através de projetos é que vem trazendo a compreensão da interdisciplinaridade para cada um definindo-se aos poucos, mas que falta um longo caminho a percorrer até que ela de fato se efetive.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do início deste trabalho até o presente momento o que afirmamos é que, a interdisciplinaridade enquanto prática educativa vem firmar uma relação entre as diferentes disciplinas para que ao se realizar um trabalho com a junção das mesmas, o ensino passe a ser visto como um todo e não como fragmentos de saberes. Para tanto há a necessidade de todo o sistema educacional estar consciente de que essa efetivação se faz urgente e necessária frente aos novos enfoques que estamos presenciando a todo o momento.

Nossos educandos vivem numa sociedade onde vários saberes são exigidos para sua total integração à mesma, à escola compete o principal papel de levá-lo a integrar-se aos novos tempos. É necessária a compreensão que não se podem isolar os saberes, pois os mesmos se inter-relacionam no processo ensino aprendizagem.

Assim a presente pesquisa teve como principal objetivo pesquisar qual o conhecimento que os educadores têm em relação à interdisciplinaridade e até onde vai sua compreensão. Que caminhos estão percorrendo e como está sua atuação frente a esse enfoque na sua prática docente. Após analisadas detalhadamente chegamos à conclusão que está sim havendo já uma preocupação em se trabalhar interdisciplinarmente e que sua efetivação vem através de trabalhos em parceria e projetos com conteúdos significativos para os educandos.

O que se observa é que a instituição escola como um todo ainda tem dificuldades nessa transição, pois se fala muito em prática, mas efetivamente falta integração entre seus membros, falta diálogo de uma classe para outra, assim como apoio pedagógico

que é o essencial. Pouco é o êxito do educador ao tentar realizar um trabalho interdisciplinar sem o apoio de gestores e coordenação, pois são por vezes deixados sozinhos em sua prática.

Trabalhar interdisciplinarmente consiste em empenho de toda a comunidade escolar, não quer dizer que se é para abandonar tudo o que se fazia, mesmo porque existem educadores que acabam trabalhando interdisciplinarmente mesmo sem ter idéia de que o esteja fazendo.

Nota-se que especificamente nas séries iniciais, pelas professoras foram membros da pesquisa e o caminho está começando a ser percorrido, pois há início de efetivação da interdisciplinaridade. E os resultados já estão sendo colhidos e que apesar das dificuldades para aqueles que já compreendem a mesma como forma essencial de construção do conhecimento, o trabalhar, o pensar interdisciplinarmente, o construir coletivamente vem ganhando cada vez mais espaço nas instituições de ensino. Essa é condição primordial para que a interdisciplinaridade se efetive como prática de ensino.

REFERÊNCIAS

BRASIL. PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: **Apresentação dos temas transversais: ética**/ Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. 3. ed. Brasília: A secretaria, 2001a.

_____. PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: **Introdução aos parâmetros curriculares nacionais**/ Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. 3. ed. Brasília: A Secretaria, 2001b.

CAPORALINE, Maria Bernardete Santa Cecília. **Repensando a didática**. 6. ed. São Paulo: Papirus, 1991.

CASTRO. Amélia Americano Domingues de. **Estrutura e funcionamento da Educação Básica**. São Paulo: Pioneira, 2001.

COSTA, Marisa Vorraber. **Currículo e política cultural**. In: COSTA, Marisa (org.) O currículo nos limiares do contemporâneo. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

DALMÁS, Ângelo. **Planejamento participativo na escola. Elaboração acompanhamento e avaliação**. Petrópolis: Vozes, 1994.

DIEB. DICIONARIO Interativo da Educação Brasileira. **Pluridisciplinaridade**. Disponível em: <<http://www.educabrasil.com.br/eb/dic/dicionário.asp?>>>. Acesso em 10 dez. 2006. 21h45min.

GADOTI, Moacir. **Histórias das idéias pedagógicas**. São Paulo: Ática, 1998.

GANDIN, Danilo. **A prática do planejamento participativo**. Petrópolis: Vozes, 1994.

GIRARDELLI, Maria de Fátima. **O mundo não é um quebra-cabeça**. Nova Escola, São Paulo, n. 124, ago. 1999.

GOODSON, I. F. **Currículo: teoria e história**. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

FAZENDA, Ivani C. A. **Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia**. São Paulo: Loyola, 1979.

_____. **Interdisciplinaridade um projeto em parceria**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 1991.

_____ (org), Antonio Joaquim Severino et al. **Interdisciplinaridade um projeto em parceria**. 5. ed. Aumentada. São Paulo: Cortez, 2004.

_____ (org.). **Práticas interdisciplinares na escola**. São Paulo: Cortez, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 18. ed. São Paulo, SP: Paz e Terra, 1996.

LARROYO, Francisco. **História geral da Pedagogia**. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

LOPES, A. C. **Política de Currículo: recontextualização e hibridismo**. **Currículo sem fronteiras**. V. 5, n. 2, jul./dez. 2005.

LÜCK, Heloisa. **Pedagogia interdisciplinar: fundamentos teórico-metodológicos**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MOREIRA, M. A. e BUCHWEITZ, B. **Novas estratégias de ensino e aprendizagem: os mapas conceituais e o vê epistemológico**. Lisboa: Plátano Edições, 1993.

_____. **Aprendizagem significativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

PROPODOSKI, Neiva et al. **Apostila de Filosofia da Educação**, Pimenta Bueno-RO: ICE, 2002.

RIBEIRO, Maria Luisa Santos. **História da educação brasileira: organização escolar**. 15. ed. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2003.

SAVIANI, Dermeval. **A nova Lei da Educação: LDB, trajetória, limites e perspectivas**. 8. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

SIQUEIRA, A. **Revisão teórica dos estudos sobre interdisciplinaridade no Brasil**. <http://www.bibli.fae.unicamp.br/etd/artcc01.pdf>. Acesso em 17 mar. 2007.

ANEXOS

ANEXO I – QUESTIONÁRIO AOS PROFESSORES.

Caros colegas professores,

O presente questionário visa adquirir subsídios para análise sobre o tema interdisciplinaridade que estou abordando em minha monografia para conclusão do curso de pós-graduação em Psicopedagogia. Tem, portanto como objetivo verificar qual o conhecimento que educadores e gestores têm sobre o assunto e até que ponto é verificado nas práticas educacionais, por isso o intuito é que você responda com a maior sinceridade possível. Espero contar com seu apoio e agradeço por isso.

Márcia Regina

1 – Há quantos anos você é educador (a)?

R _____

2 – Em todos os anos de trabalho que mudanças significativas você percebe em relação ao ensino-aprendizagem?

R _____

3 – Quando faz seu planejamento leva em conta cada disciplina em separado ou tenta junta-las num mesmo objetivo?

R _____

4 – Você tem acompanhamento pedagógico em sua prática ou acha não ser necessário esse tipo de ajuda? Justifique:

R _____

5 – Qual a importância dos projetos como prática educativa?

R _____

6 – A escola em você trabalha dá ênfase a prática de projetos? Justifique como:

R _____

7 – Ao elaborar os projetos, há junção de professores, direção e equipe pedagógica na elaboração ou é feito de outra maneira?

R

8 – O que você compreende por prática interdisciplinar?

R

9 – Você percebe a interdisciplinaridade na escola onde trabalha? De que maneira?

R

10 – Em sua opinião, existe benefício no processo ensino-aprendizagem com a prática interdisciplinar? Justifique:

R

11 – Você dá ênfase a um trabalho interdisciplinar em sala de aula e outras atividades propostas a seus alunos?

R

12 – Em sua opinião principalmente os educadores assim como toda a comunidade escolar compreendem qual o objetivo de uma prática interdisciplinar, como ela se efetiva e seus benefícios? Justifique sua resposta:

R
